

## O ILUMINADO: DAS PÁGINAS DO LIVRO PARA A TELA DO CINEMA

Vanessa Rodrigues Araújo<sup>1</sup>  
Elpídio Rodrigues da Rocha Neto<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) *O Iluminado, das Páginas do Livro para a Tela do Cinema* é apresentar, através de uma grande reportagem (GR), o processo de adaptação da obra literária *O Iluminado* (1977), do cultuado escritor Stephen King, para a obra homônima do diretor Stanley Kubrick (1980). Neste trabalho, o Jornalismo Cultural (JC) foi utilizado para reforçar a perspectiva jornalística, que fundamenta os conceitos e princípios básicos da pesquisa teórica e da elaboração de um produto comunicacional. A ideia de adaptação permite discutir um tema polêmico na interface (ou relação) entre cinema e literatura, mantendo sintonia com a discussão sobre o JC e os “produtos culturais” que são a matéria-prima de suas matérias e artigos. O TCC é um Projeto Experimental constituído pelo artigo científico (que apresenta conceitos e definições sobre os tópicos abordados) associado à Grande Reportagem, que utiliza entrevistas e apuração de dados como forma de apresentar ao leitor as diversas versões de uma realidade ou assunto. A GR se destaca pela profundidade das informações, e se enquadra nos gêneros jornalísticos interpretativo e literário - principal motivo para a escolha do produto. Como produto comunicacional, a GR oferece a possibilidade de elaborar textos que transitam de um tom mais informativo e objetivo até a perspectiva opinativa de um artigo mais criativo e experimental na organização do texto – sem esquecer o uso inteligente de entrevistas, fotos e gráficos.

**Palavras Chaves:** Adaptação; Grande Reportagem; Jornalismo Cultural; *O Iluminado*.

### Jornalismo e Cultura

O Jornalismo Cultural (JC) tem como objetivo selecionar, criticar, refletir, analisar e comentar a cultura, assim como fornecer ao leitor informações que tornam possível a formação de opinião, além de influenciar e direcionar essas opiniões. Segundo Daniel Piza, em *Jornalismo Cultural* (2004), não se pode determinar a data do nascimento do JC, isto porque houve inúmeros acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento deste campo de ação jornalística. Um dos mais importantes, para Piza, foi a criação da revista *The Spectator*, em 1711, pelos ingleses Richard Steele e Joseph Addison.

A revista falava de tudo – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico (...). Podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce. Podia citar Xenofonte para satirizar a falta de modéstia dos ingleses e Dom Quixote para atacar a mania de ridicularizar o outro por meio de risadas. (PIZA, 2004, p. 11).

A partir da metade do século XX, o Jornalismo Cultural teve frequentes crises de identidade. Após a consolidação da indústria cultural, a obra de arte perdeu a sua “aura”, e passou a ser principalmente uma reprodução em massa, que visa o consumo e não a reflexão que ela propunha anteriormente - conforme afirma José Salvador Faro, em *Jornalismo Cultural: Informação e Crítica, mais que Entretenimento* (2007).

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Funorte.

<sup>2</sup> Docente do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Funorte. e-mail: <elpidiorochaneto@yahoo.com.br>

No Brasil, ainda de acordo com Faro, uma pequena quantidade de jornalistas procura disponibilizar material que se pode considerar, dentro da concepção real, JC. No mais, o espaço é dedicado ao agendismo: “o que está em cartaz nos cinemas, quem está se apresentando na cidade ou quais os *shows* acontecerão, seguidos de uma pequena sinopse, que está longe de ser uma crítica, uma reflexão ou uma informação jornalística” (FARO, 2007, p. 2, internet).

## **Jornalismo e Indústria Cultural**

Segundo Faro, baseado nas afirmações de Theodor W. Adorno, intelectual alemão conhecido pela crítica sobre a ação dos meios de comunicação de massa, a indústria cultural nada mais é do que a disseminação em massa de produtos culturais, com base em uma estrutura capitalista, que transforma os bens culturais e as manifestações artísticas em mercadoria, abandonando o conceito crítico e tornando o consumidor um ser alienado e passivo.

Leonardo Antunes Cunha, Nísio Antônio Teixeira Ferreira e Luiz Henrique Vieira de Magalhães explicam, no ensaio *Dilemas do Jornalismo Cultural Brasileiro* (2002), que:

a produção de um caderno cultural diário (especialmente um caderno que tem que dar conta de um vastíssimo espectro de produções artísticas e de entretenimento) implica, muitas vezes, em uma visão imediatista dos editores e jornalistas. Se eles se consideram obrigados a noticiar tudo o que é produzido, tudo o que está disponível no mercado, todas as opções de lazer, muito espaço acaba sendo gasto na publicação de roteiros e programações, além de notas e notícias a respeito de lançamento de produtos ou estréia de espetáculos. Como resultado desta opção, o enfoque dos cadernos culturais se volta, exageradamente, para os produtos culturais, menosprezando os processos culturais. (CUNHA; FERREIRA; MAGALHÃES, 2002, p. 9, internet).

E completam:

o jornalismo cultural deveria pautar-se não apenas pelos produtos artísticos, mas, como lembra Frias (2001), por tudo o que se refere “à arte, ao pensamento, à reflexão e às formas como cada um e cada grupo se relacionam com o mundo a partir de seus valores de tradição e de ancestralidade”. (CUNHA; FERREIRA; MAGALHÃES, 2002, p. 10, internet).

No cenário jornalístico atual, essas habilidades não têm sido atingidas com sucesso. Os motivos são variados, entre eles está a dificuldade encontrada em garimpar as produções culturais, que são numerosas e envolvem questões políticas, econômicas e regionais.

Para Arthur Dapieve, no artigo *A Renovada Crise do Jornalismo Cultural* (2013), a expressão “Indústria Cultural” é de extrema importância para a história desta grande área do jornalismo. De acordo com ele, mesmo antes da consolidação da IC, as manifestações culturais já eram “cobertas extensamente pela imprensa da época, não só pelos achados artísticos como pelas rivalidades entre os intérpretes”, (2013, p. 193) o que mostra não só que o jornalismo sempre se pautou na cultura, quanto também, a tendência à imprensa de celebridades, atualmente tão

difundida.

O autor não quer dizer, com isso, que a produção jornalística voltada para a IC seria, de todo, ruim. Além de a imprensa prestar serviço à Indústria Cultural, ele destaca que obras como “*Cidadão Kane*, de Orson Welles, ou *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, nascem dentro da própria indústria cultural” (DAPIEVE, 2013, p. 195). Ele completa o argumento dizendo que a variedade entre os cadernos de cultura é restrita porque a IC é quem dita a pauta, e os jornalistas acabam seguindo-a, voluntariamente ou não. “Além disso, deve-se lembrar também do intenso trabalho das assessorias, que enviam muito material de divulgação para as redações”. (DAPIEVE, 2013, p. 195).

Um ponto que interfere nas atividades do JC é o famoso jabá. Apenas divulgar o que proporcionará ao jornalista benefícios (como entrada para *shows* ou outros presentes e “mimos”) prejudica na hora de decidir o que tem valor cultural-jornalístico para o público, pois restringe a produção àquilo que, de certa forma, paga mais: “você informa muito e opina pouco, ao contrário do que era em grande medida a imprensa cultural da década de 1970, começo dos anos 1980” (DAPIEVE apud CUNHA; FERREIRA; MAGALHÃES, 2002, p.10, internet). Além disso, a indústria cultural exerce uma pressão enorme sobre os jornalistas, exigindo dos profissionais que divulguem seus produtos, especialmente porque são esses produtos que possuem maior audiência.

Um outro problema, apresentado por Daniel Piza, é a concepção errônea que o público tem sobre a cultura ser algo inatingível, relacionada a intelectuais, pensadores, pessoas que acumulam muitas informações, e a veem como algo complicado e sério, concluindo ser impossível que possa ter algo de leve e caráter de entretenimento (uma definição considerada, pelo autor, elitizada).

Independente das dificuldades em conseguir um conteúdo cultural satisfatório, o jornalista deve se preocupar em tentar, sempre, atingir os ideais do JC, conforme afirmam Cunha, Ferreira e Magalhães:

De qualquer forma, fica evidente a importância e a responsabilidade do jornalista na mediação entre cultura e mercado. Se o JC não seleciona, não questiona, não dialoga criticamente e não abre espaço a propostas alternativas, a IC se sente cada vez mais à vontade para reproduzir incessantemente os mesmos padrões estéticos e temáticos, transformando as obras culturais em artigos produzidos e distribuídos em série. (2002, p. 8, internet).

Considerando, porém, o mundo tecnológico atual, pode-se perceber um crescimento contínuo do JC independente. Existe uma resistência que ainda preza por conteúdo jornalístico-cultural e, acima de tudo, procura exercer os processos culturais promovendo movimentos, oficinas, e divulgando-as por conta própria, sem relação alguma com as grandes instituições e a IC. É o que afirma Fábio Gomes, no texto *Jornalismo Cultural*:

Em termos de jornalismo cultural, é importante notar que, até a era da cultura de massas,

jornais e revistas se constituíam na única oferta de jornalismo cultural. Os meios eletrônicos como rádio e TV não investiram historicamente em espaços dedicados à avaliação de conteúdos culturais, preferindo cultivar o próprio star system. Acrescenta-se que empresas jornalísticas como a Última Hora de Samuel Wainer são cada vez mais raras. O padrão é o veículo impresso integrar uma rede de comunicação multimídia – incluindo rádio, TV, *site*, gravadora –, que muitas vezes se constitui em apenas um dos braços de um grupo empresarial com variados interesses econômicos. Embora seja difícil determinar ao certo, podemos imaginar que estes múltiplos interesses podem interferir na forma de abordagem de temas culturais, ou na escolha deste e não daquele tema. Hoje, porém, o sujeito cultural da era da cibercultura dispõe de uma larga oferta de *sites* e *blogs* de jornalismo cultural, quase todos independentes - ou seja, sem ligação com grupos de comunicação – e nessa área em franca expansão não se fala em crise. (2009, p. 20, internet).

É importante, porém, observar a veracidade e a confiabilidade das informações que estão sendo disponibilizadas, ou mesmo consumidas. Além disso, com a grande quantidade de material disponibilizado na web, a tarefa de construir um produto que irá chamar atenção e agradar aos internautas é mais difícil e exige empenho, apuração e escrita mais consistentes.

## **Cultura e Reportagem**

Segundo Nilson Lage, em *A Reportagem* (2001), no início do século XVII, o jornalismo era utilizado como forma de exaltar o estado ou a fé, bem diferente da definição que existe hoje em dia. Ao longo do tempo, percebeu-se que o sentimento, a aventura e o fora do comum eram essenciais para atrair a atenção do público, visto que a ficção, repleta dessas situações, fazia muito sucesso:

Do ponto de vista técnico, escritores de folhetins e jornalistas obrigaram-se a reformar a modalidade escrita da língua aproximando-a dos usos orais ou cultivando figuras de estilo espetaculares, ora exagerando no sentimentalismo, ora incorporando a invenção léxica e gramatical das ruas. Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios dos textos, e dos *furos*, ou notícias em primeira mão: o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral nas próximas edições. (LAGE, 2001, p. 20).

Eis o nascimento da reportagem, que vem para ressaltar os problemas e, principalmente, colocar em evidência o que era de interesse público. No texto *Reportagem Contextualizada*, Pedro Celso Campos discute a definição e os limites da Grande Reportagem (GR) - texto que evolui os limites da “simples reportagem”. O autor afirma que a GR deve despertar a curiosidade nas pessoas e as conduzir pelo texto, evitando que a leitura seja abandonada por ser cansativa ou por se esgotar logo nos primeiros parágrafos. O jornalista deve sempre se lembrar que a cada dia o leitor fica mais exigente, e não se deixa enganar por textos que apenas ocupam espaço no jornal.

A GR pode consagrar um profissional, ou sepultá-lo. Para Campos, “pesquisar, checar dados, recheiar com outras fontes, cruzar informações, descobrir mentiras antes que elas sejam publicadas, enterrar-se em calhamaços de documentos” (internet), além de sempre pedir ajuda a quem entende e possa compartilhar conhecimento é o caminho para uma boa reportagem.

Dimas Antônio Künsch, em *Maus Pensamentos: os Mistérios do Mundo e a Reportagem*

*Jornalística* (2000), citando Edvaldo Pereira Lima, diz que a Grande Reportagem

é a ampliação do relato simples, raso, para a dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo a seu autor ou a seus autores uma dose ponderável de liberdade para escapar dos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o lead e as pirâmides já mencionadas. (LIMA apud KUNSCH, 2000, internet).

Pode-se definir a GR, em síntese, como um texto em profundidade que alcança vários patamares da informação, humaniza o fato e aproxima o leitor do relato.

### ***O Iluminado por Stephen King***

O *Iluminado* é um livro lançado pelo escritor Stephen King, no ano de 1977. O romance conta a história da família Torrance: Jack, Wendy e o pequeno Danny. Tudo começa quando Jack consegue um emprego de zelador para a temporada de inverno em um hotel muito famoso, o Overlook. O lugar é cercado de mistérios. Assassinatos e suicídios, além do histórico curioso de proprietários envolvidos com a máfia e o crime, deixaram marcas profundas no estabelecimento. (KING, 1977).

Stephen Edwin King nasceu nos Estados Unidos, em 1947. Considerado pela crítica o maior escritor de terror e suspense da atualidade. King teve muitas dificuldades para conseguir esse título. Após sair da universidade, trabalhou como frentista em um posto de gasolina e como passador de lençóis em uma lavanderia industrial. O salário de 60 dólares por semana era insuficiente para sustentar a mulher e os dois filhos; mesmo depois de conseguir emprego como professor, King e a família moravam em um trailer. (STANCKI, internet).

O primeiro romance de sucesso, chamado *Carrie* (1974), foi resgatado do lixo por Tabitha King, esposa do autor. Ele achava a história ruim e havia desistido de terminá-la. Depois de se recuperar financeiramente, graças aos direitos autorais obtidos com a produção cinematográfica, Stephen King teve outras histórias adaptadas no cinema - como é o caso de *O Iluminado* (1980), *A Hora da Zona Morta* (1983), *Christine - O Carro Assassino* (1983), *Cemitério Maldito* (1989) e *À Espera de um Milagre* (1999).

Até 2011, Stephen King tinha escrito um total de 49 romances (sete sob o pseudônimo de Richard Bachman), nove livros de não-ficção e nove coletâneas de contos. Mais de 350 milhões de cópias já foram vendidas, e as obras do autor foram publicadas em mais de 40 países. Atualmente, ele vive, com sua esposa, em Bangor, no Maine (EUA), cidade que é cenário da maioria de suas histórias. (REINALDO, internet).

Na narrativa de *O Iluminado*, Danny Torrance é um garoto de cinco anos, que possui um poder muito especial. Chamado de “iluminado”, ele tem visões de coisas que estão por vir, e pode

ouvir os pensamentos e sentir as emoções dos que o rodeiam. A presença de Danny desperta a energia negativa presente no local e desencadeia uma série de acontecimentos, que irão mudar drasticamente a vida da família.

Na trama de King (1977), Wendy Torrance parece ser a menos afetada pelo poder do Overlook. A esposa de Jack sofreu muito com problemas conjugais e acha que o emprego conseguido pelo marido irá salvar o relacionamento dos dois, já que poderia ficar mais tempo ao lado dele. Ela encara o trabalho conseguido por ele como oportunidade de fortalecer o amor e acabar de vez com os problemas.

Jack Torrance, por sua vez, é o mais afetado pelo hotel. Alcoólatra, ele chegou a quebrar o braço do filho em um momento de embriaguez e não deixa de lamentar o ocorrido. Para Torrance, o emprego é a única chance de mudar de vida, pois a carreira de professor de literatura foi destruída quando agrediu um aluno, durante um momento de extrema raiva. Além disso, ele vê, na temporada que deve passar no hotel, a oportunidade para escrever uma peça.

A personagem Jack Torrance possui algumas características em comum com Stephen King. Um dos problemas sofridos pelo autor foi o alcoolismo, e é onde começam as semelhanças entre criador e criatura. O próprio King declara que “quanto mais eu me sentia infeliz e inadaptado à condição que considerava o meu fracasso como escritor, mais consolo buscava na garrafa, que só servia para exacerbar ainda mais a pressão doméstica e me deixava mais deprimido ainda” (apud UNDERWOOD; MILLER, 1990, p. 48). Outro ponto comum, entre ele e Torrance, é o trabalho de professor e escritor.

## **O Iluminado de Stanley Kubrick**

Ao contrário do *Iluminado* de King, o de Stanley Kubrick é muito mais profundo e complexo. Inclusive, análises de fãs sobre o filme resultaram em um documentário de 102 minutos de duração. *O Labirinto de Kubrick*, de Rodney Ascher (*Room 237*, 2012), evidencia a quantidade de interpretações geradas pela produção, que envolvem, desde o holocausto, ao genocídio indígena, a história do minotauro e a ida do homem à lua.

O respeitado diretor nasceu nos Estados Unidos em 1928. Dos 17 aos 21 anos, trabalhou como fotógrafo para a revista *Look*. O período foi essencial para o desenvolvimento de Kubrick em técnicas de iluminação e composição - detalhes que fazem dos filmes do diretor especiais. Para ele, a imagem vale muito mais que o diálogo, o que se pode perceber em suas obras. Em *O Iluminado*, os 146 minutos de duração possuem poucos diálogos e muita tensão intensificando o fato das personagens estarem sozinhas, em um hotel enorme, e no meio do nada. Este é um dos pontos fortes da produção.

Para o jornalista José Geraldo Couto, em *O Mundo em Convulsão (Kubrick em São Paulo)*, “o eixo em torno do qual se desenvolve a obra de Kubrick é a tênue linha entre a razão e a loucura, examinada dos mais variados ângulos e desdobrada em outros binômios: cultura e barbárie, guerra e paz, repressão e liberdade, Eros e civilização.” (internet). Após sentir as limitações que a indústria cinematográfica hollywoodiana promove, Kubrick vai para a Inglaterra, onde alcança o primeiro sucesso de bilheteria, *Dr. Fantástico* (1963). De acordo com Norton Godoy, em *O Iluminado* (internet), os filmes do cineasta possuem um ponto em comum:

Nos 40 anos de uma dedicação quase doentia à sétima arte, Kubrick foi bastante eclético na escolha de seus temas. Mas todos se desenvolveram sob um denominador comum: a busca incessante da melhor técnica cinematográfica para mostrar uma visão negativa – que ele considerava absolutamente realista – da existência humana. (internet).

O livro de Stephen King foi levado para o cinema em 1980. O longa traz Jack Nicholson como Jack, Danny Lloyd, como Danny, e Shelley Duvall, como Wendy Torrance. Para a crítica, *O Iluminado* é um dos melhores filmes de Kubrick, ao lado de *2001 – Uma Odisséia no Espaço* (1968) e *Laranja Mecânica* (1971).

*O Iluminado* é uma das adaptações da obra de King que o deixou mais insatisfeito. Uma das diferenças que, talvez, condenou o trabalho de Kubrick, é o fato da mudança de foco, de uma maneira que altera a essência do texto escrito. Enquanto, no livro, a família Torrance é atormentada pelos espíritos malignos do Overlook, que desejam o poder do filho do casal, no filme, Kubrick apresenta a solidão do Hotel como fator desencadeador para a loucura de Jack.

Na adaptação, detalhes que fortalecem a premissa de que existe uma força sobrenatural presente no Overlook são deixados de fora. O único ponto que indica a presença do mal durante o filme é na cena em que Jack Torrance é preso na despensa, e a porta se abre sozinha, mesmo estando trancada por fora. A falta de referências da história da família, antes de Jack Torrance aceitar o emprego de zelador do Hotel, deixa o espectador, de certa forma, “preso” com as personagens e sem nenhum ponto de apoio externo.

Segundo o próprio diretor, em *Conversas com Kubrick*, de Michel Ciment, “a medida que os acontecimentos sobrenaturais ocorrem, o leitor continua supondo que eles são provavelmente produtos da imaginação do personagem.” (pág. 144, 2013). Kubrick afirma ainda que o livro de King não é uma grande obra, mas teve a impressão de que isso não importava, já que o enredo era o elemento primordial, e os personagens poderiam ser aperfeiçoados durante as filmagens.

Para o professor de cinema Fernando Vugman, ao contrário de Kubrick, King tem uma fórmula para atrair o leitor:

As histórias de King não se caracterizam por qualquer tipo de crítica social. Ao contrário, ele escreve estritamente dentro das regras da chamada indústria cultural: as angústias sociais devem ser mencionadas/encenadas apenas o suficiente para que se crie uma leve

tensão, tensão esta que o “happy end” alivia ao final do espetáculo, restabelecendo a ordem junto com uma sensação de conforto. Ou, atualizando através do conceito de “sociedade do espetáculo”, conforme definido por Guy Debord, podemos dizer que King e seus livros ambicionam ser apenas bem sucedidas peças do grande espetáculo de consumo em que o mundo estava se tornando algumas décadas atrás. (entrevista).

Ao contrário de King, Kubrick não se baseia nas fórmulas já testadas e aprovadas para produzir seus filmes. Conforme Vugman, *O Iluminado* é uma prova disto, pois enquanto quase toda a produção cinematográfica dos Estados Unidos coloca em destaque o homem branco, e o coloca como um exemplo de ser humano, o diretor apresenta a personagem de Jack Nicholson como alguém “racista, fracassado, alcoólatra, e que abusa de mulheres e crianças.” (entrevista). Ainda de acordo com Vugman, “a veneração pelo filme veio da crítica especializada, enquanto o repúdio veio do público de fãs do cinema de horror”. (entrevista).

## Adaptação

De acordo com Olga Arantes Pereira, em *Cinema e Literatura: Dois Sistemas Semióticos Distintos*, a prática de buscar inspirações para as telas do cinema na literatura sempre existiu:

Nos primórdios do cinema, D. W. Griffith (1875-1948), o pai da técnica cinematográfica não hesitou em reconhecer que seu trabalho tinha influências de Charles Dickens (1812-1870), o mais popular dos romancistas da era vitoriana, e que apreciava muito seus modelos narrativos, suas técnicas, sua concepção de ritmo e de suspense, articulando duas ações simultâneas e paralelas.

E completa:

Já em 1867, o mago Georges Méliès adaptava da literatura, Fausto e Margarida e em 1868, A Gata Borracheira, para, em 1902, iniciar o seu percurso de versões de obras de Júlio Verne com Viagem à Lua e Vinte mil léguas submarinas (1907). Graças às características textuais semelhantes, podemos afirmar que há muito tempo o cinema e a literatura ensaiam relações de fascínio mútuo. (PEREIRA, 2009, p. 3).

Muitos cineastas ficaram famosos por suas adaptações, e muitos escritores também adquiriram reconhecimento por terem suas obras adaptadas. É o caso da “parceria” entre King e Kubrick no filme *O Iluminado*. King tem um grande histórico de histórias adaptadas para o cinema e para a televisão.

Para João Manuel Santos Cunha, no ensaio *Da Literatura ao Cinema, Traduzindo Sobre Restos de Linguagem* (2013), embasado na opinião do crítico George Bluestone (1957-2003), a obra literária e a cinematográfica são estruturadas em meios diversos, o da palavra e o da imagem, o que significa que a “construção da adaptação é parafrásica, e o cineasta se constitui não somente como tradutor de autor literário, mas autor de texto novo” (BLUESTONE *apud* CUNHA, 2003, internet).

Assim como os escritores tem seu trabalho reforçado pelo cinema, o contrário também acontece. O diretor de cinema Stanley Kubrick é um dos cineastas que possui grandes sucessos



baseados na literatura.

O grande cineasta Stanley Kubrick, um respeitado estudioso das relações entre as duas linguagens, afirma que “livro é livro, filme é filme”. Kubrick fez praticamente todos os seus filmes adaptados de matéria-prima literária, uma predileção que o levou a formar produtivas parcerias com diversos autores, na sua maioria, norte americanos. Terry Southern, por exemplo, foi parceiro de Kubrick no filme *Dr. Fantástico*, inspirado no romance *Alerta Vermelho*, de Peter George. O conto *O sentinela*, de Arthur Clarke, deu origem a *2001 - Uma odisséia no espaço* - cujo argumento foi criado especialmente para o cinema por Kubrick e Clarke e depois, num movimento contrário, foi transportado para livro. (PEREIRA, 2009, p. 52).

Fernando Simão Vugman, no ensaio *O Iluminado, de Stanley Kubrick*, afirma que as duas obras diferem pela visão crítica do diretor.

(...) enquanto o escritor inclui conflitos e angústias psicológicas e sociais em seu romance de terror apenas como recurso para aumentar a identificação do leitor com os personagens e provocar o horror, sem jamais permitir que tais dramas se cristalizem numa crítica à estrutura social e à ideologia dominante americana, Kubrick constrói seu filme de modo a empregar o gênero de terror como um agudo instrumento de crítica social. (VUGMAN, 2001, p. 1, internet).

Além disso, Vugman afirma que “os critérios empregados pelo diretor em sua adaptação do livro de King obedecem a restrições impostas pela pós-modernidade aos artistas dos tempos atuais” (2001, p. 11, internet). Para ele,

É a partir desta abordagem teórica que se pode argumentar que Kubrick se apropria do formato dos filmes de terror hollywoodianos para questionar a “história oficial” americana. Ao abandonar o elemento psicológico encontrado no romance de Stephen King, Kubrick abre mão de um dos artifícios mais comuns no gênero, ou seja, provocar o susto e o medo ao permitir que o público associe os terrores que afligem os personagens aos seus próprios medos reprimidos. Em troca, mas sem deixar de nos aterrorizar, o diretor convida o espectador a associar a violência de monstros e fantasmas aos terrores cometidos na formação histórica de um país e que a versão oficial insiste em escamotear. (VUGMAN, 2001, p. 11, internet).

Segundo o crítico de cinema André Setaro, no artigo *Adaptação de Literatura para Cinema é Conflito de Linguagens*, “o romance filmado é uma utopia” (2010, internet), ou seja, nunca será completamente fiel à obra original.

Havendo, como há, duas linguagens autônomas e específicas, como se pode efetuar a transferência da linguagem literária – signos verbais – para a linguagem cinematográfica – signos icônicos? De fato, quando ocorre a adaptação de uma obra literária para o cinema há, apenas, o aproveitamento da fábula, dos personagens, das situações, desaparecendo, com isso, a narrativa, considerando que o que faz o estilo de um escritor é sua capacidade de reger as palavras numa determinada sintaxe, e o estilo de um cineasta está na sua capacidade de manejar os elementos da linguagem fílmica – os planos, os movimentos de câmera, as angulações, a montagem etc. (SETARO, 2010, internet).

Constata-se então, que é inútil criticar a adaptação fílmica pela sua semelhança (ou falta dela) com a obra original. Deve-se observar as particularidades de cada linguagem, e quais os pontos elevam e diminuem a produção. De acordo com Maria Eugênia Curado, no ensaio *Literatura*

*e Cinema: Adaptação, Tradução, Diálogo, Correspondência ou Transformação?*, muitos diretores procuram não se basear na literatura, mas sim, reescreverem-na para outra linguagem:

Diante da transformação do texto literário para o cinematográfico, Bazin aponta que tanto a literatura quanto o cinema têm diferenças de “estruturas estéticas” e tais diferenças “tornam mais delicadas a procura e equivalências do cinema com o texto literário, [requerendo] mais invenção e imaginação por parte do cineasta” (BAZIN, 1999, p. 95). O teórico observa que “há cineastas que se esforçam por uma equivalência integral do texto literário e tentam não se inspirar no livro, mas adaptá-lo ou traduzi-lo para a tela” (BAZIN, 1999, p. 93). (CURADO, internet).

Assim, mais do que inspiração, extrai-se da literatura elementos que são utilizados e trabalhados de acordo com a interpretação (ou intenção) do cineasta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema tratado partiu da admiração em torno do escritor Stephen King e do diretor de cinema Stanley Kubrick. Além de serem alvo de diversas discussões, cada um em sua área, possuem uma história em comum: *O Iluminado*. As obras não são apenas marcos na carreira de ambos, mas, também, referências na literatura e na sétima arte.

Falar sobre ídolos é sempre mais difícil. Entram em campo a parcialidade, as emoções e as opiniões. Equilibrar a ideologia do jornalista com as exigências da profissão não é coisa fácil, e exige, muito mais que prática, conhecimento teórico. A ideia de unir as duas coisas vem de uma pretensão pessoal, que é a de derrubar barreiras, exigir de si mesmo sempre mais e, a cada dia, alcançar uma superação.

Os desafios do Jornalismo Cultural serviram de motivação para a realização do trabalho. O JC é um campo que exige esforço, dedicação, conhecimento e senso crítico do jornalista. Se é um desafio para os profissionais da área, a peleja é ainda maior para quem aspira fazer parte desse meio, e não possui experiência na correria das redações e na busca por pautas de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolett. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1821983/JORNALISMO\\_HUMANIZADO\\_O\\_Ser\\_HumanoCom\\_o\\_Ponto\\_de\\_Partida\\_e\\_de\\_Chegada\\_do\\_Fazer\\_Jornalístico](http://www.academia.edu/1821983/JORNALISMO_HUMANIZADO_O_Ser_HumanoCom_o_Ponto_de_Partida_e_de_Chegada_do_Fazer_Jornalístico)>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BLANCO, Guilherme. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.stanleykubrick.com.br/biografia.html>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

BONI. **O Iluminado (filme)**. Disponível em: <<http://www.kingofmaine.com.br/miscelanea/artigos/o-iluminado-filme/>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

CAMPOS, Pedro Celso. **Reportagem Contextualizada**. 2009. Disponível em: <[http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/reportagem\\_contextualizada.htm](http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/reportagem_contextualizada.htm)>. Acesso em: 02 dez. 2013.

CIMENT, Michael. **Conversas com Kubrick**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

COUTO, José Geraldo. **O Mundo em Convulsão (Kubrick em São Paulo)**. Disponível em: <<http://www.blogdoims.com.br/ims/o-mundo-em-convulsao-kubrick-em-sao-paul>>. Acesso em: 27 out. 2013.

CUNHA, Leonardo Antunes; FERREIRA, Antônio Teixeira; MAGALHÃES, Luiz Henrique Vieira. **Dilemas do Jornalismo Cultural Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

CUNHA, João Manuel dos Santos. **Da Literatura ao Cinema, Traduzindo sobre Restos de Linguagens**. 2013. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/revista/2013/23/149/downoad>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

CURADO, Maria Eugênia. **Literatura e Cinema: Adaptação, Tradução, Diálogo, Correspondência ou Transformação?** Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/18/25>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

DAPIEVE, Arthur. A Renovada Crise do Jornalismo Cultural. **Revista de Comunicação, Cultura e Política**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 192-200, jul./dez. 2013.

FAN, Ritter. **Glória Feita de Sangue**. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-gloria-feita-de-sangue/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **O Labirinto de Kubrick (Quarto 237)**. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-o-labirinto-de-kubrick-quarto-237/>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **O Iluminado**. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-o-iluminado/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

FARO, José Salvador. **Jornalismo Cultural: Informação e Crítica, mais que Entretenimento**. 2007. Disponível em: <<http://www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/docentes/artigos/artigos-0057>>. Acesso em: 09 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Reportagem na Fronteira do Tempo e da Cultura. **Verso e Reverso**, v. 23, n. 65, p. 77-83, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.65.02/2329>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

FERRAZ, Geraldo Galvão. **Afinal, Stanley Kubrick ou Stephen King**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/afinal-stanley-kubrick-ou-stephen-king/>> Acesso em: 31 mar. 2014.

GODOY, Norton. **O Iluminado**. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/29375\\_O+ILUMINADO](http://www.istoe.com.br/reportagens/29375_O+ILUMINADO)>. Acesso em: 02 dez. 2013.

GOMES, Fabio. **Jornalismo Cultural**. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2012.

GUALDA, Linda Catarina. **Literatura e Cinema: Elo e Confronto**. 2013. Disponível em: <[www.abralic.org.br/revista/2013/23/149/download](http://www.abralic.org.br/revista/2013/23/149/download)>. Acesso em: 31 mar. 2014.

KING, Stephen. **O Iluminado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1977.

KUNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos: Os Mistérios do Mundo e a Reportagem Jornalística**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/kc8pnrf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAKING "THE SHINING". Produção e direção de Vivian Kubrick. EUA: Eagle Film SS, 1980. Disponível em: <<http://topdocumentaryfilms.com/making-the-shining/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

O ILUMINADO. Produção e direção de Stanley Kubrick. São Paulo: Warner Bros, 2002. DVD (143 min.): son., color. Legendado/Dublado. Port.

O LABIRINTO DE KUBRICK. Produção de P. David Ebersole, Tim Kirk e Todd Hughes, direção de Rodney Ascher. EUA: Highland Park Classics, 2012. DVD (102 min.): son., color. Legendado. Port.

PEREIRA, Olga Arantes. **Cinema e Literatura: Dois Sistemas Semióticos Distintos**. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/7471/54>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

REINALDO, Edilton. **Stephen King**. Disponível em: <<http://www.stephenking.com.br/stephen-king/>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

ROGAK, Lisa. **Coração Assombrado**. São Paulo: Darkside Books, 2013.

SANTIAGO, Luiz. **Especial Stanley Kubrick**. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/e-special-stanley-kubrick/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

RODRIGUES, Flávio Luíz Freire; ZANINELLI, Renata. **Literatura e Adaptação Cinematográfica: Diferentes Linguagens, Diferentes Leituras**. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/580/580>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

SETARO, André. **Adaptação de literatura para cinema é conflito de linguagens**. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdoandresetaro/blog/2010/07/27/adaptacao-de-literatura-para-cinema-e-conflito-de-linguagens/>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

STANCKI, Rodolfo. **Entre Sucessos e Decepções**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?tl=1&id=1427527&tit=Entre-sucessos-e-decepcoes>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Stephen King: O Mestre do Horror**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?tl=1&id=1427525&tit=Stephen-King-o-mestre-do-horror>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

## FONTES

FILMES inspirados na obra de Stephen King estão em mostra de cinema. **Catraca Livre**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/filmes-inspirados-na-obra-de-stephen-king-estao-em-mostra-de-cinema/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

REINALDO, Edilton. Entrevista realizada por Vanessa Rodrigues Araújo em 31 de março de 2014, em Montes Claros (MG). (e-mail).

VUGMAN, Fernando Simão. Entrevista realizada por Vanessa Rodrigues Araújo em 28 de março de 2014, em Montes Claros (MG). (e-mail).